



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
QUINTA DA BOA VISTA S/N. SÃO CRISTÓVÃO. CEP 20940-040  
RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL  
Tel.: 55 (21) 2568-9642 - fax 55 (21) 2254.6695  
www://ppgasmuseu.etc.br  
e-mail: [ppgasmn@gmail.com](mailto:ppgasmn@gmail.com)

**Curso:** MNA-706 Teoria Antropológica I  
**Professores:** João Pacheco de Oliveira Filho  
**Nº de Créditos:** 03  
**Período:** 1º Semestre de 1982  
**Horário:** 4ª Feira, 14:00 – 17:00 horas  
**Local:** Sala de Aula do PPGAS

(M) (AS)

Conteúdo:

Em sua aparência mais óbvia o curso pode ser visto (isso reforçado por indicadores externos, como o título da disciplina, o seu caráter de curso introdutório e obrigatório) como a transmissão e inculcação de uma galeria de “clássicos da antropologia”, isto é, de autores e obras tidos como consagrados. Dito de forma mais simples, “o que se deve ler para conhecer a tribo da antropologia”, um banho mínimo de purificação cuja eficácia pressupõe a continuidade, o consenso e a unidade da tradição antropológica (ou pelo menos a possibilidade de alguém vir a arbitrar as diferenças...).

A intenção básica do curso é justamente problematizar essa forma de recuperar o passado de uma ciência, bem como de criar uma alternativa ao modo aí implícito de pensar a sua história. Já por sua organização o curso pretende ser uma tentativa de reflexão sobre a história da antropologia, optando por desenvolvê-la em termos teóricos e metodológicos derivados de uma sociologia da produção intelectual. Para esse exercício foram escolhidos cinco autores que ocupam posições centrais e concorrentes na antropologia americana e inglesa (Morgan x Boas; Tylor x Malinowski; Malinowski x Radcliffe-Brown). As interpretações divergentes e contrastantes sobre os pontos relevantes e significativos na produção desses autores, “o que se deve conservar ou descartar” (na ótica de seus leitores privilegiados, os historiadores da disciplina), permitem que se conheça o pensamento de muitos outros antropólogos posteriores e como os contemporâneos de diferentes posições teóricas se colocam e se referenciam face à tradição.

A consideração de tais autores deve incidir em três aspectos principais: a) o

levantamento e a avaliação da contribuição que cada um deles trouxe ao domínio das teorias da antropologia (i.e. formulam efetivamente um paradigma ao conhecimento?); b) a preocupação sistemática em tentar registrar as condições concretas (materiais, institucionais, ideológicas, etc.) que permitiram e marcaram historicamente a prática de pesquisa, ensino e elaboração conceitual de cada um dos autores selecionados; c) procurar abordar ainda as formas sociais e políticas pelas quais tais autores disputam e obtêm poder dentro de um subcampo intelectual específico, explicitando-se assim processos como o de constituição de correntes de pensamento e escolas, de imposição de problemáticas e cânones de trabalho e também, em especial, da redefinição “interessada” de conexões e hierarquias entre os integrantes desse subcampo (tarefa que inclui a elaboração de uma história normativa e sacralizada da disciplina...).

Sem livros-textos ou manuais de história da antropologia que partilhem dessa preocupação (a exceção única de Stocking, que, no entanto, se ocupa apenas de dois desses autores), o funcionamento do curso supõe uma participação ativa dos alunos. Com base em uma literatura de apoio a ser fornecida para cada grupo particularmente, irão se constituir cinco grupos de trabalho cujos resultados da investigação serão apresentados primeiramente por escrito e depois oralmente nem seminários para debate entre todos os participantes do curso. Os fichamentos referentes aos textos de leitura regular devem ser realizados e entregues no correr de cada unidade de curso.

Uma longa citação de Bourdieu (1974:176) pode servir para ilustrar e sintetizar essa proposta de compreensão da história da antropologia que acompanha todo o curso: “Não há qualquer razão para que a ciência conceda à sociedade dos eruditos, dos escritos ou dos artistas, o estatuto de exceção que tal sociedade outorga a si mesma com tanta facilidade, o que se pode constatar através da representação ingenuamente idealista da ciência produzida e veiculada pelos eruditos com queda pela filosofia e por certa tradição da filosofia das ciências. A ciência deve aplicar a esses campos o princípio da teoria do conhecimento antropológico segundo o qual os sistemas simbólicos, que um grupo produz e reproduz no âmbito de um tipo determinado de relações sociais, adquirem seu verdadeiro sentido quando referidos às relações de força que os tornam possíveis e sociologicamente necessários (...), ou seja, é preciso estabelecer as condições sociais de sua produção, reprodução e utilização e, ainda mais, as condições de produção, reprodução e utilização dos esquemas de pensamento de que são o produto”.

## Organização do curso:

### 1ª) Apresentação: . leituras selecionadas ou história da antropologia?

. as diferentes formas de fazer uma história da antropologia (recapitulação erudita x visão de escola; o continuísmo e a busca das origens x a descontinuidade radical do cientificismo).

### 2ª) Uma proposta de como fazer uma história da antropologia:

STOCKING Jr., G.W.

1968 – “On the limits of ‘Presentism’ and ‘Historicism’ in the historiography of the behavioral sciences”. In Race, culture and evolution. The Free Press, New York.

BOURDIEU, P.

1968 – “Campo intelectual e projeto criador”. In Problemas do Estruturalismo. J. Pouillon (ed.), Zahar, RJ.

### 3ª) O evolucionismo de Morgan:

MORGAN, H.L.

1973 – A sociedade primitiva. Editorial Presença, Lisboa.

1965 – “Social and governmental organization”. In Houses and houselife of the American Aborigines. The University of Chicago Press, Chicago.

### 4ª) As reapropriações:

GODELIER, M.

1973 – “Essai de bilan critique”; “Lewis Henry Morgan (1818-1881)”. In Horizon, trajets marxistes en anthropologie. Maspero, Paris.

MAKARIUS, R.

1971 – “Introduction”. In La société archaïque. Ed. Anthropos, Paris.

TERRAY, E.

1979 – “Morgan e a antropologia contemporânea”. In O Marxismo diante das sociedades primitivas. Graal, Rio de Janeiro.

HARRIS, M.

1968 – “Cultural materialism: General evolution”; “Cultural materialism: Cultural ecology”. In The rise of anthropology theory. Harper A. Row Publishers, New York.

5ª) Seminário: o paradigma evolucionista: características e limites. A consagração diferenciada da obra de Morgan (Lowie, White, Fortes, Sahlins, etc.).

6ª) Boas e um novo projeto para a antropologia

BOAS, Franz.

1966 – “The aims of anthropological research”; “The limitations of the comparative method of anthropology”; “The methods of ethnology”; “Evolution or diffusion”; “The aims of ethnology”. In Race, language and culture. New York, The Free Press, paperback.

1965 – “Race, language and culture”; “The interpretations of culture”; “The mind of primitive man and the progress of culture”. In The mind of the primitive man. New York, The Free Press, paperback.

7ª) Contextualização do autor e da obra:

STOCKING Jr. G.W.

1968 – “From physic to ethnology”; “Franz Boas and the culture concept in historical perspective”. In op.cit.

1974 – “Introduction: the basic assumptions of Boasian anthropology”. In The shaping of American Anthropology, 1883-1911. New York: Basic Books.

8ª) Seminário: a formação de “correntes” ou de “escolas”?

A avaliação dos críticos (White, Harris, Wax).

9ª) Tylor: o nascimento da antropologia?

TYLOR, E.B.

1970 – “The science of culture”; “The development of culture”. In The Origins of culture. Gloucester: Peter Smith.

1973 – “El mundo spiritual”; “Sociedad”. In Antropologia. Madrid: Editorial Ayuso.

10ª) Uma avaliação crítica

STOCKING Jr. G.W.

1968 – “Matthew Arnold, E.B. Tylor, and the uses of invention”; “Cultural Darwinism and philosophical idealism in E.B. Tylor”. In op.cit.

BURROW, J.W.

1966 – “Introduction: Tylor and the growth of anthropology”. In Evolution and Society. Cambridge.

11ª) O trabalho de campo e a moderna identidade do antropólogo:

MALINOWSKI, B.

1976 – Argonautas do Pacífico Ocidental. Abril, São Paulo.

1963 – “El mito en la psicología primitiva”. In Estudios de psicología primitiva. Paidós, Buenos Aires.

12ª) O funcionalismo segundo Malinowski:

MALINOWSKI, B.

1970 – Uma teoria científica da cultura. Rio de Janeiro, Zahar, 2ªed.

LEACH, E.

1968 – “The epistemological background to Malinowski’s empiricism”. In Man and culture. R. Firth (ed.).

MALINOWSKI, B.

1970 – Crime and custom in savage society. London: Routledge & Kegan Paul, Ltd., 9ªed.

13ª) O funcionalismo segundo Radcliffe-Brown:

RADCLIFFE-BROWN, A.R.

1973 – “Introdução”; “O conceito de função nas ciências sociais”; “A estrutura social”. In Estrutura e Função na Sociedade Primitiva. Petrópolis (RJ), Vozes.

RADCLIFFE-BROWN, A.R.

s/d – El método de la antropología social. Barcelona: Editorial Anagrama.

MELATTI, J.C.

1968 – “Introdução”. In Radcliffe-Brown. Ática, São Paulo.

14ª) Uma visão da política e do parentesco

EVANS-PRITCHARD, E.E.

1978 – Os Nuer. Perspectiva, São Paulo.

FORTES, Meyer

1953 – “The structure of unilineal descent groups”. American Anthropologist 55; Republicado in Time and social structure and other essays. London: The Athlone Press, 1970 (p.67-95).

WORSLEY, Peter M.

1956 – “The kinship system of the Tallensi: a revaluation”. Journal of the Royal Anthropological Institute 86: 37-75.

15ª) Um retorno a Malinowski?

FIRTH, Raymond

1954 – “Social organization and social change”. Journal of the Royal Anthropological Institute 84: 1-20.

1975 – Sucessão e chefia em Tikopia. Brasília: Publicações da Universidade de Brasília.

BARTH, Fredrik

1966 – Models of social organization. Occasional Papers, nº23.

VAN VELSEN, J.

1967 – “The extended-case method and situational analysis”. In The craft of social anthropology. A.L. Epstein (ed.). London: Tavistock Publications.

16ª) Seminário: A escola inglesa:

. a visão interna (Kuper, Firth, Evans-Pritchard).

. a visão “de fora” (Lowie, Murdock, Harris, Beattie, Langness)

a “antropologia prática”, as teorias sobre mudança social e a ação colonial (Leclerc, Gluckman, Kuper, Richards).

Leituras de Apoio

BEATTIE, John

1955 – “Contemporary trends in British social anthropology”. Sociologus, nº 1.

BURROW, J.W.

- 1966 – Evolution and society. Cambridge.
- COPANS, Jean
- 1971 – “Introduction. De l’ethnologie à l’anthropologie”. In Anthropologie: Science des sociétés primitives? Paris: Le Point de la Question.
- FIRTH, Raymond
- 1951 – “Contemporary British Social Anthropology”. American Anthropologist 53: 474-489.
- FORTES, Meyer
- 1953 – Social anthropology in Cambridge since 1900. Cambridge University Press.
- GOODENOUGH, Ward H.
- 1964 – “Introduction”. In Explorations in cultural anthropology. New York: Mc Graw Hill Books Co.
- HADDON, A.C.
- 1949 – History of Anthropology. London, 2<sup>a</sup> ed.
- HALLOWELL, A.I.
- 1960 – “The beginnings of anthropology in America”. In Selected papers from the American Anthropologist 1888-1920. Frederica Delaguna (ed.). Evanston: Row, Peterson.
- HARRIS, Marvin.
- 1968 – The rise of anthropological theory. New York: Thomas Y. Crowell.
- KARDINER, Abram & PREBLE, Edward.
- 1966 – “Première partie: Une nouvelle dimension: La société”. In Introduction à l’ethnologie. Paris: Gallimard.
- KROEBER, A.L.
- 1952 – “A half century of anthropology”. In The Nature of Culture. Chicago: University of Chicago Press (p.139-143).
- KUPER, Adam
- 1975 – Anthropologists and anthropology. The British school 1922-1972. England: Penguin Books.
- LANGNESS, L.L.
- 1974 – The study of culture. San Francisco: Chandler & Sharp Publishers.
- LECLERC, Gérard
- 1972 – Anthropologie et colonialism. Essai sur l’histoire de l’africanisme. Paris : A. Fayard.

LOMBARD, Jacques

1972 – L’anthropologie britannique contemporaine. Paris: Presses Universitaires de France.

LOWIE, Robert H.

1946 – Historia de la etnología. México: Fondo de Cultura Económica.

MERCIER, Paul

1952 – Histoire de l’anthropologie. Paris: Presses Universitaires de France, 2ªed.

MATTA, Roberto da.

1981 – “Antropologia e história”. In Relativizando. Petrópolis: Vozes.

MURDOCK, George Peter

1951 – “British social anthropology”. American Anthropologist 53: 465-473.

PENNIMAN, T.K.

1952 – A hundred years of anthropology. London: Gerald Duckworth & Co. Ltd.

RADCLIFFE-BROWN, A.R.

s/d – “El estado actual de los estudios antropológicos”. In El método de la antropología social. Barcelona: Editorial Anagrama (o cap. III da Iª parte do livro foi escrito em 1931).

SAHLINS, Marshall

1976 – “Culture and practical reason – Two paradigms of anthropological theory”. In Culture and practical reason. Chicago: University of Chicago Press (cap.2, p.55-126).

STOCKING Jr., G.W.

1968 – Race, culture and evolution. The Free Press, New York.

TAX, Sol

1955 – “From Lafitau to Radcliffe-Brown: a short history of the study of social organization”. In Social Anthropology of north American tribes. Fred J. Egan (ed.). Chicago: The University of Chicago Press.

VOGET, Fred W.

1975 – A history of ethnology. New York: Holt, Rinehart and Winston.

WHITE, Leslie A.

1966 – The social organization of ethnological theory. Houston Rice University Studies.